

# TRAJETÓRIA DE UM PATRÍCIO – A IMIGRAÇÃO SÍRIO LIBANESA EM SÃO PAULO

HOMEY TRAJECTORY - THE SYRIAN LEBANESE IMMIGRATION IN SÃO PAULO

**Renata Geraissati Castro de Almeida**

Mestranda em História pela UNIFESP  
Rua do Rosário, 382 - Guarulhos - SP CEP: 07111-080  
E-mail: [rgeraissati@gmail.com](mailto:rgeraissati@gmail.com)

## RESUMO

São Paulo entre fins do século XIX e início do XX foi um dos principais destinos receptores de imigrantes, sobretudo em função das necessidades de suprir uma mão de obra para o café, algo que não significou que a imigração se restringisse ao espaço rural. A cidade acolheu tanto imigrantes insatisfeitos com seus contratos nas fazendas, quanto os que diretamente a viam como destino final, como o caso dos sírio-libaneses. O artigo analisa a presença desta colônia e se detêm na trajetória de um de seus representantes.

**Palavras-Chave:** Imigração, Sírio-Libanesa, Trajetória.

## ABSTRACT

São Paulo between the late 19th century and early 20th was one of the main destinations of immigrants, specially because of the needs of supplying a labor for coffee, something that didn't mean that the immigration was only restricted to rural areas. The city has hosted both migrants dissatisfied with their contracts on farms, as those who directly saw it as a final destination, as the case of Syrian-Lebanese. The article analyzes the presence of this colony and focus on the trajectory of one of his representatives.

**Keywords:** Immigration, Syrian-Lebanese, Trajectory.

## INTRODUÇÃO

Ao caminhar pelas ruas e bairros da cidade de São Paulo, uma das principais características que salta aos olhos é a diversidade presente nos mais variados aspectos: na fisionomia dos paulistas, na existência de bairros que são predominantemente habitados por determinadas etnias - como é o caso da Liberdade - e, talvez, como principal exemplo, na gastronomia. Dentre os mais de 13 mil restaurantes da cidade estão representantes da culinária de mais de 55 etnias diferentes<sup>1</sup>.

Em virtude da convivência de uma diversidade étnica tão grande dentro de um mesmo espaço, algo que não tem sido muito comum nos dias atuais graças à crescente intolerância, a cidade parece oferecer um exemplo de convivência harmoniosa. Esta diversidade se deu pela interação de diversas etnias na capital paulista, que durante o processo migratório foi povoada por pessoas das mais variadas partes do mundo. Apesar desta imagem de convivência harmoniosa, a imagem de cidade que a todos acolhia foi construída ao longo dos anos, fruto de um discurso que tentava imprimir marcas cosmopolitas à cidade e ao Estado de São Paulo. Como veremos, entretanto, este cosmopolitismo possuiu outras faces, nas quais o incentivo à imigração se inseria em virtude do fim da outrora lucrativa escravidão, bem como da política de embranquecimento atrelada à ideia de Modernidade. Portanto, nem todos os imigrantes eram bem vindos, e como propõe Sevcenko, a capital estava mais para um *Cativeiro da Babilônia*, que uma *Babel invertida*, como sugeriu um cronista da época. Portanto, os imigrantes que enriqueceram na cidade não foram vistos pelas famílias tradicionais com muito bons olhos<sup>2</sup>.

A pesquisa pretende mais que apenas analisar o processo migratório, estudar a inserção do imigrante como um ator social na cidade que realizou uma série de modificações que impactaram e influenciaram o cotidiano e o viver de toda a população. Um dos principais exemplos na linha de investigação aqui tomada é o edifício Martinelli, construído por um imigrante italiano, e toda a comoção pública, tanto da mídia, como dos cidadãos, em torno deste símbolo de poder de seu proprietário<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup>Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2013/01/25/sao-paulo-completa-459-anos-com/print>> Acesso em 04/02/2013.

<sup>2</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>3</sup> HOMEM, Maria Cecília Naclério. *A Ascensão do Imigrante e a Verticalização de São Paulo: o Prédio Martinelli e sua História*. São Paulo: Projeto, 1984.

Elegeu-se, portanto como ator social representativo da colônia sírio-libanesa, Rizkallah Jorge Tahan, que em sua trajetória, tanto profissional quanto pessoal, atuou intensamente no mercado imobiliário, no ramo da construção civil salubre e higiênica e desempenhou uma série de atividades de urbanização na capital paulista. Procurou-se, dessa maneira, entender suas formas de viver na cidade e suas redes sociais, enxergando o homem que soube, diligentemente, construir um papel “positivo” junto às comunidades que frequentou e, conseqüentemente, criou representações de sua pessoa e negócios. Posto isto, convém frisar que o recorte temporal desta pesquisa foi de 1895, ano em que se estabeleceu no Brasil, aportando em Santos, até o ano de sua morte, em 1949.

Começamos conhecendo a trajetória de Rizkallah na capital, sua inserção no contexto migratório paulista, dos sírio-libaneses e os aspectos que propiciaram com que este pudesse deixar diversas marcas na cidade.

## O CRESCIMENTO DA CAPITAL

Pode-se afirmar que a cidade de São Paulo em fins do século XIX e início do século XX passou a assumir uma posição de destaque. Durante o período colonial, mais especificamente nos séculos XVII e XVIII, São Paulo serviu como entreposto colonial entre as regiões sul e norte, vivendo do dinamismo de seu mercado interno, não estando inserida, diretamente, no sistema colonial com a metrópole Portugal<sup>4</sup>.

Porém, com o desenvolvimento de um novo gênero agrícola, o café, as terras de Piratininga voltaram a ser centrais no cenário político brasileiro e se tornaram a base econômica do país, gerando uma série de riquezas. O dinamismo que esta nova cultura deu à economia de São Paulo e os fatores associados a ela, como produção e escoamento, fizeram com que entre fins do século XIX e início do XX a cidade e a sociedade paulista passassem por um momento de grandes transformações.

A maior parte das transformações sofridas pela cidade foram impulsionadas por ocorrências no mundo do trabalho, já que no âmbito econômico, após a abolição, os cafeicultores paulistas perderam grande parte de sua força produtiva, o que os levou a

---

<sup>4</sup>BLAJ, Ilana. **A Trama das Tensões – o processo de mercantilização de São Paulo colonial (1681-1727)**. Tese de doutorado, USP, 1995, p. 30.

realizarem a passagem do trabalho escravo para o livre. Esta transição, também explorada em termos capitalistas, promoveu incentivos à imigração, sobretudo na forma de colonato.

A cultura cafeeira exigia uma quantidade muito grande de mão-de-obra, e a proibição da importação de escravos em 1850 se tornou um entrave aos cafeicultores, que não podiam importar mais escravos do mercado externo, isto é da África. O primeiro recurso adotado pelos fazendeiros do café foi importar os escravos no mercado interno, de províncias como Pernambuco, Bahia e Ceará, que estavam em decadência uma vez que o açúcar havia perdido seu espaço no mercado mundial. Em um primeiro momento a necessidade de trabalhadores foi sanada por uma importação interprovincial<sup>5</sup>.

As sucessivas pressões internacionais por meio de investimentos, o decréscimo demográfico da população negra, tanto em consequência da Guerra do Paraguai, - episódio em que diversos negros morreram -, como também pelo envelhecimento, faziam com que o número de escravos já não fosse suficiente para a manutenção do sistema cafeeiro. Somados aos projetos de branqueamento da sociedade e ao movimento abolicionista, houve, cada vez mais aumento das contradições entre o trabalho livre e o trabalho escravo. O desfecho deste cenário aconteceu em 1888, momento em que estas contradições se tornaram insustentáveis e foi declarada a abolição da escravidão. A questão da mão de obra **necessitou**, então de algumas saídas de fato já praticadas, mas que sofreram um aumento, como a importação de mão de obra via imigração assistida.

Neste contexto, a imigração foi a resposta para lidar com as questões do momento, já que além de resolver o problema da força produtiva, propiciou, também, o branqueamento da sociedade. Este projeto fez com que algumas nacionalidades fossem privilegiadas em detrimento de outras. Pode-se notar que desde o princípio se preferiu o imigrante europeu, em detrimento de nacionalidades como, por exemplo, a asiática, vista como um disfarce de escravidão<sup>6</sup>.

O processo de incentivo à imigração se deu concomitantemente à decadência da escravidão. Antes mesmo da abolição foram criadas leis em São Paulo que incentivavam a imigração. A autora Paula Beiguelman retrata todo este processo, mostrando que desde 21 de fevereiro de 1881 com a lei a n°36, que consignava um valor para o pagamento das passagens para os imigrantes, os cafeicultores já viam a imigração como um fator para diversificar a

---

<sup>5</sup>BEIGUELMAN, Paula. **Formação do Povo no Complexo Cafeeiro: Aspectos Políticos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p.62.

<sup>6</sup>Ididem. p.64.

mão de obra. A autora também levanta outros pontos que corroboram esta ideia, por exemplo, a construção de uma hospedaria e o surgimento de uma Sociedade Promotora de Imigração, em 1886<sup>7</sup>.

Estes imigrantes, porém, não vão se restringir apenas ao mundo rural, já que muitos destes, após passarem por um período nos cafezais irão para os centros urbanos, que apresentam muitas oportunidades, pois estão em crescimento tanto pelos recursos do café, quanto pelo aumento demográfico que conseqüentemente gera um aumento do mercado consumidor. Os fazendeiros ao subvencionarem novos imigrantes, alimentaram assim, esse processo.

As modificações não se restringiram apenas ao âmbito econômico. O café deixou marcas também no âmbito social. A inauguração de ferrovias para seu escoamento, e os lucros obtidos com sua exportação propiciaram o desenvolvimento de vários setores da economia, que se evidenciam tanto nas construções das mansões dos barões fazendeiros, nas crescentes construções urbanas em suma: na tentativa de modernizar a cidade. A modificação do urbano e a difusão das artes, tanto na capital quanto nas novas e velhas cidades fundadas no interior, se dará em decorrência clara dos melhoramentos urbanos que visavam por meio da diversificação dos investimentos econômicos, evitar que os investidores perdessem grande parte de seus recursos empregados na lavoura. Por isso, houve, claramente, uma vontade de modernização, que irá alterar as formas de morar, de construir e de sociabilizar. Fatores que iriam levar a capital da Província, e algumas outras cidades paulistas e do mundo, a se equiparem “com redes de distribuição de água, de captação de esgotos, de iluminação a gás e de transportes coletivos<sup>8</sup>”. Neste momento estava posta uma mudança irremediável para a capital paulista.

## O SURTO URBANO

Quando Rizkallah Jorge chegou à capital, o ambiente paulista já havia passado por modificações que visavam sua modernização. Estas ocorriam desde o último quarto do século XIX, procurando tornar, de fato, a capital o centro regional, econômico e comercial de São

---

<sup>7</sup> BEIGUELMAN, Paula. **Formação do Povo no Complexo Cafeeiro: Aspectos Políticos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p.64.

<sup>8</sup> PEREIRA, Paulo César Xavier. **A modernização de São Paulo no final do século XIX– da demolição da cidade de taipa à sua reconstrução com tijolos**. In SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, (coord.). *Habitação e cidade*. São Paulo: Fapesp, 1998.

Paulo. As modificações haviam se dado na difusão de novas fontes de energia, técnicas produtivas, transportes e comunicações e buscavam atrair para a capital os setores enriquecidos, principalmente os ligados ao café que se encontravam dispersos pelo interior. Será principalmente neste momento que muitos fazendeiros irão se estabelecer na capital.

Acreditava-se que atraindo estes setores abastados o consumo aumentaria favorecendo o comércio, e que cada vez mais a capital centralizaria a riqueza que se encontrava dispersa pelo interior. Este processo se beneficiaria do fato que as duas cidades que disputavam com a capital paulista a primazia econômica, Santos e Campinas, haviam sido seriamente afetadas pela febre amarela a partir da década de 1880.<sup>9</sup> Com esta mudança populacional do interior para a capital se verá uma alteração da seguinte ordem, “o número de habitantes passou de 30mil em 1870 para 50 mil em 1885, iniciando a República com quase 100 mil habitantes e chegando a 1900 com 240 mil<sup>10</sup>”.

O autor Benedito Lima de Toledo em “Três cidades em um Século” propõe que as mudanças que a cidade sofreu foram de tal magnitude que uma geração não reconhecia a cidade surgida uma geração depois. Para este autor, a cidade seria como um palimpsesto<sup>11</sup>, em que três cidades foram construídas e destruídas em um século. Em fins do XIX a cidade que existia guardava feições coloniais, com ruas estreitas e irregulares, algo que caracterizaria uma “mudy city”, porém com a chegada da ferrovia uma nova cidade surgirá, o local deixará de ser uma parada de tropeiros edificada com taipa de pilão, para virar uma cidade de tijolos, que, por fim, será substituída pela cidade das indústrias, feita em concreto-armado, marcada pela altura.

Tal afirmação de Benedito Toledo tem sido bastante contestada dentro dos estudos arquitetônicos. Entre os autores contrários a esta imagem, está Raquel Glezer, que propõe que a urbanização de São Paulo desfez a cidade de maneira tão expressiva que não deixou resquícios.

As modificações pelas quais passou a cidade neste período ocorreram para responder às novas necessidades que haviam surgido nesta nova sociedade moderna. Portanto, entre fins do XIX e início do século XX uma série de projetos foi pensada para o espaço urbano

---

<sup>9</sup>Santos Filho, Lycurdo de Castro; Novaes, José Nogueira. **A febre amarela em Campinas**, 1889-1900. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

<sup>10</sup>CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: Senai, 2002, p.99.

<sup>11</sup> Embora esta teoria não seja plenamente aceita na pesquisa, os marcos visuais e históricos da obra são imprescindíveis para o entendimento da cultura arquitetônico-urbanística dentro do recorte temporal.

paulistano, tendo por objetivo cosmopolitizar a capital. O autor Candido Malta Campos Neto, identifica e analisa estes projetos de modernização e as realizações do urbanismo paulistano desde o fim do Império até os anos 1940. A principal característica que se pode apreender deste contexto é a disputa que há em torno dos projetos que serão implantados, portanto, a transformação do ambiente não se dará de forma consensual.

Diversos autores destacam que a preocupação com a modernização urbanística se inicia sob o governo de João Theodoro<sup>12</sup>, sendo este o primeiro momento que se verá uma preocupação com o aspecto urbano e com o potencial de crescimento da capital. Theodoro possuía um programa que buscava remodelar os espaços públicos tornando-os mais atraentes, como foi o caso da várzea do Carmo, que após drenada, se tornou um passeio público. Após a administração de João Theodoro os processos de modernização terão continuidade com os futuros prefeitos. Porém, será com Antônio Prado que as ideias de João Theodoro se instalarão de maneira irrefutável em São Paulo: o objetivo de ambos era bastante similar, criar na zona central uma área de destaque.

Na administração de Antônio Prado o “núcleo histórico”, lindeiro à área fundacional da cidade, irá funcionar como centro comercial e de serviços, abrigando um acúmulo de funções, tais como, de troca, comando e institucionais<sup>13</sup>. Para Campos, as duas administrações buscavam por meio do estabelecimento de uma centralidade na capital, construir um elemento de dominação, mostrando, assim, a pujança de São Paulo a principal cidade da região mais produtiva do país.

Visando abastecer o centro com todas estas funções listadas acima, se instalaram na cidade grandes empreendimentos e negociantes, restaurantes luxuosos, confeitarias, cinemas, hotéis, lojas e outras atrações que não eram encontrados facilmente, na cidade de outrora<sup>14</sup>. Além da inauguração de novos empreendimentos, a partir de 1910 os edifícios públicos da região passaram por uma reformulação e ampliação com a instalação de novos órgãos públicos nos terrenos adquiridos pela municipalidade. Porém, o aspecto da monumentalidade não se restringiu apenas a estas edificações, as obras particulares também buscaram atingi-la. Para Pereira, a monumentalidade “serve bem como índice cultural e econômico da valorização

---

<sup>12</sup>CAMPOS, Candido Malta. **São Paulo, Metrópole em Transito: percursos urbanos e culturais**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004, p. 56.

<sup>13</sup>CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: SENAI, 2002, p. 99.

<sup>14</sup>CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: SENAI, 2002, p.117.

moral e monetária da propriedade urbana<sup>15</sup>”. A valorização do centro se deu tanto pelos novos empreendimentos ali instalados, quando pela estética destes. Este fato pode ser facilmente identificado na construção dos palacetes de Rizkallah Jorge, que serviam para locação e passaram por algumas ampliações procurando garantir aluguéis mais elevados.

Na década de 1920 a cidade passou por um novo período de grande urbanização, principalmente em virtude do momento de prosperidade econômica do café. Neste momento surgem projetos de transformação, como o proposto por Ulhôa Cintra e Francisco Prestes Maia, denominado “Plano de Avenidas”, que criaria um anel que facilitaria a circulação radiocêntrica em São Paulo. O carro, que já era parte da paisagem da cidade acaba por ser trazido aos círculos técnicos como protagonistas do planejamento urbano. Na mesma época, também são propostos o zoneamento que estabelecia padrões de construção por zonas e um novo Código de Posturas, que pautou a maioria das edificações de Rizkallah, uma vez que é nas décadas de 1920 e 1930 que teve uma maior atuação no ramo imobiliário. O Código de Posturas irá regular principalmente as alturas máximas permitidas aos prédios da região central, condições mínimas de ventilação e higiene e implantação no tecido urbano.

A cidade havia se tornado, na visão de muitos, um canteiro de obras. Maria Cecília Naclério Homem relata que “a capital superava os seus próprios recordes e os das demais cidades brasileiras. Em 1920, as estatísticas registraram 1.875 novas construções, que evoluíram para 3.922, em 1930. Construía-se à razão de uma casa por hora”<sup>16</sup>, estes números mostram a efervescência que a atividade imobiliária adquirira na capital. Este crescimento resultou em um conseqüente incremento da urbanização.

## OS IMIGRANTES: SUA AFIRMAÇÃO NO ESPAÇO

Ao se pensar as transformações pelas quais passou a cidade de São Paulo durante os séculos XIX e XX não se pode negar que um elemento foi imprescindível nesta conjuntura, o imigrante. Este que foi importante não apenas para a capital, mas para a América como um todo. Este continente recebeu só entre os anos de 1880 e 1915, cerca de 31 milhões de pessoas que saíram de seus locais de origem buscando melhores condições de vida. Dentro deste

---

<sup>15</sup>PEREIRA, Paulo César Xavier. **A modernização de São Paulo no final do século XIX – da demolição da cidade de taipa à sua reconstrução com tijolos**. In SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, (coord.). Habitação e cidade. São Paulo: Fapesp, 1998, p.60.

<sup>16</sup>HOMEM, Maria Cecília Naclério. **A Ascensão do Imigrante e a Verticalização de São Paulo: o Prédio Martinelli e sua História**. São Paulo: Projeto, 1984, p.45.

processo, o Brasil foi o terceiro país que mais recebeu imigrantes, com 2,9 milhões de pessoas<sup>17</sup>. Diversas nacionalidades aportaram aqui, entre elas, as que mais se destacaram segundo dados do IBGE, foram, respectivamente, italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, alemães e sírios-turcos.

Do total de imigrantes que vieram ao Brasil, algo por volta de 57,7% foram acolhidos por São Paulo. Para o autor Boris Fausto a preferência por este local pode estar vinculada às facilidades concedidas pelo Estado, tais como passagem e alojamento, somadas às oportunidades de trabalho de uma economia em expansão<sup>18</sup>. Estes, em sua maioria, vieram para trabalhar na lavoura de café, algo em torno de dois terços, uma vez que esta demandava uma grande força de trabalho, porém os imigrantes não se restringiram a apenas este setor.

Os italianos foram o grupo mais numeroso no Estado, em sua grande maioria vieram para trabalhar nas plantações de café, pois teriam os custos da viagem subvencionados. Estes foram seguidos pelos portugueses que se concentraram majoritariamente na capital, tendo apenas alguns poucos se destinado à agricultura. Já os espanhóis e japoneses, preferiram se dirigir a pequenas cidades do interior e os sírio-libaneses, desde sua chegada, optaram majoritariamente por viver na capital, constituindo também uma imigração espontânea, já que o governo não subsidiava pessoas que não fossem trabalhar nas fazendas<sup>19</sup>.

Os fatores que impulsionaram a maioria destas imigrações para São Paulo são na maioria das vezes, os mesmos: a pobreza do local de origem e a esperança da facilidade de obtenção de terras na América. Porém, os locais em que se instalaram e as atividades que exerceram no momento de sua chegada parecem em um primeiro momento indicar que estes preferiram se continuar em setores com os quais estavam habituados em seus locais de origem. Percebe-se que a despeito do imigrante estar inserido também no meio urbano, a primeira imagem que temos deste é no meio rural. Atualmente, uma série de estudos têm tentado mudar estas características, realizando pesquisas sobre a presença destes “estrangeiros” no meio urbano<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **O Brasil dos Imigrantes**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001, p.22.

<sup>18</sup> FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p.156.

<sup>19</sup> FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. P162.

<sup>20</sup> Pesquisas recentes concatenadas em torno do projeto Temático “Os Estrangeiros e a Construção da Cidade”, transcrito em diversas unidades da USP, têm ajudado a rever e ampliar esta análise. Ver LANNA, Ana Lucia Duarte; LIRA, José Tavares Correia de Lira; PEIXOTO, Fernanda Arêas; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral. **São Paulo, os Estrangeiros e a Construção das Cidades**. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.

No campo cultural muitas vezes a atuação do imigrante também é esquecida, uma vez que, amplamente, se privilegia seu impacto no campo econômico, por meio de estatísticas e de estudos de suas atividades no comércio e na indústria, mostrando, por este viés, sua importância para o desenvolvimento do país. Este fator é sim importante, porém não foi o único influenciado pela imigração, esta deixou marcas também no cotidiano da cidade.

A mistura dos povos se fez presente nos diversos sotaques paulistas, na gastronomia, na literatura e, notadamente, na arquitetura com novas formas de morar e construir, que irão gerar novas formas de apropriação da cidade. Não apenas o fator econômico é importante, mas também suas redes sociais formadas no local para onde migram, suas formas de viver e as transformações que exercem na paisagem urbana também. Alguns estudos que seguem por este caminho tratam a colônia italiana, porém outras comunidades que vieram para São Paulo não são contempladas. Este estudo tem por objetivo mostrar uma destas colônias: a dos imigrantes sírio-libaneses e um pouco de sua contribuição à paisagem urbana da cidade de São Paulo.

## O CASO SÍRIO-LIBANÊS

Passados 133 anos do considerado marco inicial da imigração sírio-libanesa ao Brasil, poucos trabalhos tem como tema a história deste povo. Apesar de serem menos expressivos numericamente que os italianos, portugueses, alemães e espanhóis, os sírio-libaneses contribuíram no desenvolvimento de algumas regiões de São Paulo, como, por exemplo, da área mais conhecida, conformada pelas ruas, 25 de Março, Cantareira e a Avenida do Estado<sup>21</sup>. Um observador, em 1940, escreveu sobre a concentração desses imigrantes nesta região,

“Onde o amendoim torrado cede lugar à semente de abóbora, e o quibe, sob todas as formas, sobrepuja o típico feijão com arroz brasileiro... O ambiente é francamente sírio. Há livrarias que só vendem livros escritos em árabe. Ouve-se, constantemente, música típica e canções dolentes e sentimentais pelas melhores vozes do Oriente. Nas confeitarias e nos cafés, os rádios, em geral estão ligados para as estações que irradiam músicas árabes e os fregueses falam mais em língua estrangeira do que na língua do País<sup>22</sup>”.

---

<sup>21</sup> Ver a respeito **Memória Urbana: a grande São Paulo até 1940**, editado pela EMPLASA, Arquivo do Estado de São Paulo, 2001, 3v.

<sup>22</sup> ARAUJO, O. E. de. Enquistamentos étnicos, *Revista do Arquivo municipal de São Paulo*, n 6. p231, mar. 1940, In: TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1997. P. 49.

Além disso, a imagem desta comunidade está marcada no imaginário da população por suas atividades comerciais, que foram exercidas ao longo de todo país. Existem diversos personagens da literatura que corroboram esta imagem, por exemplo, no romance de Jorge Amado, “Gabriela, Cravo e Canela”, o personagem Nacib, de origem sírio-libanesa, é um comerciante estabelecido em Ilhéus, Estado da Bahia, conhecido pela população como o turco que possui uma “lojinha que vende baratinho”<sup>23</sup>.

O romance mostra a profissão que a maioria dos imigrantes que vieram ao Brasil exerceu: a de mascates que futuramente se tornaram proprietários de comércio. Estes mascates se estabeleceram em todo o país, porém foi o Estado de São Paulo que atraiu a maior parte destes: 38,4% em 1920<sup>24</sup> e 49,2% em 1940<sup>25</sup>, seguido do Distrito Federal e de Minas Gerais.

Apesar de terem se estabelecido no comércio, ao chegarem à capital, a maioria destes imigrantes eram agricultores no local de origem, porém o que explica esta diferença de profissões do local de origem para o local de chegada é que a forma de produção agrícola brasileira era em muito diferente da realizada no Oriente Médio. Aqui, predominavam os latifúndios, enquanto lá, as propriedades familiares eram maioria. Outro fator que afastou estes imigrantes da agricultura, destacado por Knowlton<sup>26</sup> foram as redes de informação que destacavam as condições precárias que os imigrantes eram submetidos no campo. Truzzi pontua que o fato de virem sem recursos fazia com que ser proprietário de terra fosse algo muito distante de sua situação, isto seria possível apenas duas gerações posteriores às suas<sup>27</sup>. Sendo assim, se estabelecer no comércio foi, em um primeiro momento, a escolha mais plausível a estes imigrantes que se estabeleceram na capital em fins do século XIX.

Não podemos dizer que o comércio fosse uma atividade distante destes uma vez que o território de onde vieram correspondia à localização da antiga Fenícia. A situação geográfica destas terras, cercadas pelo mar e pelas montanhas fizeram com que os fenícios se desenvolvessem no comércio em lugar da agricultura, portanto, verifica-se que a tradição

---

<sup>23</sup> AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 85. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

<sup>24</sup> Recenseamento 1920. Ver: **Memória Urbana: a grande São Paulo até 1940**, editado pela EMPLASA, Arquivo do Estado de São Paulo, 2001, 3v.

<sup>25</sup> Recenseamento 1940. Ver: **Memória Urbana: a grande São Paulo até 1940**, editado pela EMPLASA, Arquivo do Estado de São Paulo, 2001, 3v.

<sup>26</sup> KNOWLTON, C. **Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial**. São Paulo: Anhembi, 1961.

<sup>27</sup> TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Hucitec.

comercial sírio-libanesa já existia antes de seu estabelecimento no Brasil. O fator geográfico não influenciou apenas no desenvolvimento do comércio. Para o antropólogo Jean Sallem, este elemento foi decisivo, também, para o processo migratório. Sua tese é de que os aspectos geográficos influenciaram no surgimento de características psicológicas como a flexibilidade e mobilidade, bem como a manutenção e permanência dos costumes<sup>28</sup>.

Para além da tradição comercial, o investimento inicial na profissão de mascate era baixo já que começavam vendendo miudezas:

“De início, operavam nas ruas da Capital, fornecendo objetos leves e baratos: pentes, colchetes, botões, agulhas, linhas, perfumes, sabonetes, fitas e roupas de baixo. Depois, com experiência e algum domínio da língua, expandiam suas atividades ao interior (...).<sup>29</sup>”

Houve também outros fatores que foram decisivos para o sucesso dos mascates: o aumento do mercado consumidor com o crescimento demográfico, a flexibilidade material, uma vez que podiam se locomover para diversos lugares vendendo seus produtos, que eram mercadorias não muito difíceis de transportar e a necessidade que as pessoas possuíam de seus produtos.

A maioria dos sírio-libaneses conseguiu acumular uma quantidade grande de capital já que desde o início preferiram adotar um sistema de vender barato para vender muito e eram bastante econômicos em seu cotidiano conseguindo acumular capitais apreciáveis<sup>30</sup>. Por meio da acumulação de capital conseguiram adquirir verba para comprar propriedades e estabelecerem seu comércio, geralmente no ramo de armarinhos, em um local fixo. As propriedades adquiridas usualmente se concentraram em bairros de grande fluxo populacional em São Paulo, por exemplo, nos bairros centrais perto das estradas de ferro, local de desembarque de um grande fluxo de pessoas. Isto beneficiou tanto a venda de seus produtos quanto facilitou o recebimento das mercadorias.

Percebe-se que a atividade desenvolvida pelos imigrantes sírio-libaneses não ia de encontro com os projetos que a sociedade possuía para a emigração, que era suprir a falta de mão-de-obra. Os imigrantes que haviam ido ao setor comercial não resolveriam: “o problema do braço agrícola, não era conveniente ao país. A imigração síria está nestas condições e é

---

<sup>28</sup>SALLEM Jean. **O Povo Libanês: ensaio de antropologia** (Tradução Antoine Boueri) São Paulo: Editora Van Grei.

<sup>29</sup>HALL, Michael. **Imigrantes na cidade de São Paulo**. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p.141.

<sup>30</sup>DUOUN, T. **A imigração sírio-libanesa às terras da promessa**. São Paulo: Árabe, 1944, p.115.

preciso dizê-lo sem reservas, pois as ideias não se misturam com interesses e conveniências<sup>31</sup>”. Como visto anteriormente, a imigração sírio-libanesa era contrária ao projeto de embranquecimento que desejavam as elites brasileiras defendendo a imigração de trabalhadores europeus, considerando os “árabes” como indesejáveis.

Logo ao contrário do que se desejava, uma imigração rural, a imigração sírio-libanesa foi majoritariamente destinada a ambientes urbanos e formada principalmente por homens solteiros. Os registros de entrada dos imigrantes pelo porto de Santos corroboram essa afirmação. Os sírio-libaneses são o grupo que apresenta maiores porcentagens de solteiros (63,58%), do sexo masculino (69,69%) e de avulsos (56,07% entrados sem família), comparando com as outras principais etnias no período de 1908-1939<sup>32</sup>.

Alguns fatores impulsionaram a vinda destes homens ao Brasil. Em primeiro lugar está a precária condição econômica a que estavam submetidos no local de origem, mas também, elencam-se fatores políticos e religiosos.

Durante o século XX o governo turco tomará medidas impopulares incitando que as religiões ficassem umas contra as outras, ocasionando em 1861 o massacre de muitos libaneses cristãos. Não se pode esquecer que entre estas comunidades a religião possui um papel central, estando presente nas mais variadas dimensões da vida, ultrapassando a natureza espiritual. A perseguição religiosa levará muitas famílias cristãs libanesas e sírias a abandonar o Oriente e migrar.

Dessa maneira, pode-se expor que o uso da expressão sírio-libanês se dá pelo fato de que até 1926 quando a República do Líbano foi criada, tanto Síria quanto Líbano estavam em um mesmo território, a grande Síria. Como Rizkallah Jorge veio ao Brasil em 1895, sua origem ainda era “turca”, pois ainda faziam parte do Império Turco-Otomano, depois da separação passaram a ser denominados sírio-libaneses. Segundo Gattaz, a imigração árabe, a rigor, engloba outras nacionalidades, como egípcios, palestinos, sauditas, iraquianos e outros, porém os libaneses respondem por cerca de 70% dos imigrantes árabes, no Brasil.

O impacto destes homens e mulheres na cidade de São Paulo será estudado por meio de um de seus representantes que até o presente momento não possui nenhum estudo acadêmico: Rizkallah Jorge Tahan. Nascido na cidade de Aleppo, norte da atual Síria, em

---

<sup>31</sup>AMARÍLIO JÚNIOR. *As vantagens da imigração síria no Brasil*. Rio de Janeiro: Estab. Artes Gráficas, 1935, p.39.

<sup>32</sup>SECRETARIA de Agricultura do Estado de São Paulo. Boletim de Serviços de Imigração e Colonização, n°2 out. 1940.

1867, assim como tantos outros conterrâneos, migrou para o Brasil por fatores econômicos-demográficos e sociais.

Assim, o objeto deste estudo pode colaborar com a tarefa de mostrar que, para além dos aspectos econômicos da atividade comercial de Rizkallah Jorge Tahan, sua contribuição se deu também na paisagem da cidade, por meio de construções, que, em alguns casos, se mantêm até hoje. Ao se propor um estudo sobre Rizkallah Jorge Tahan, procura-se estudar o empreendedor urbano, que se envolveu com negócios imobiliários, com empresas ligadas ao ramo da construção civil salubre e higiênica e que soube construir um papel “positivo<sup>33</sup>” junto às comunidades que frequentou. Com isso, percebe-se que para além do mito, estão aspectos de história social da arquitetura, do urbanismo e da imigração que se entrelaçam e tornam o ator social em questão foco privilegiado de investigações. Convém frisar que o recorte temporal desta pesquisa vai de 1895, ano em que se estabeleceu no Brasil, aportando em Santos, até o ano de sua morte, em 1949.

### **COMPREENDENDO RIZKALLAH JORGE TAHAN: SUA HISTÓRIA DE VIDA E A FORMAÇÃO DE SUA IDENTIDADE.**

Como tantos imigrantes, Rizkallah Jorge também veio a São Paulo buscando melhorar sua vida. Ele almejava que sua vinda ao Brasil propiciasse uma melhora de condições sociais para sua família, já que era o arrimo desta. Porém, mais importante que os fatores que propulsionaram sua decisão de migrar estão os fatores que influenciaram sua vivência e permanência na capital. Sua trajetória de vida e a posição de destaque adquiridas nas comunidades que frequentou dão indícios destes fatores.

Nascido em 14 de maio de 1867 na cidade Aleppo, norte da atual Síria, Rizkallah Jorge perdeu sua mãe quando tinha oito meses. Seu pai tanto por ocasião do falecimento de sua esposa, quanto por um fator econômico, a grande concorrência na fundição de cobre, sua área de atuação, uma profissão muito comum na cidade de Aleppo decide por se mudar para Homs, fazendo com que Rizkallah fosse criado até os cinco anos por sua avó paterna<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992<sup>a</sup>.

<sup>34</sup> Biografia feita por Farés Dábague. IN: “AL-Kálimah” São Paulo, 25/08/1934. Dábague conta que para escrever a biografia teve como base os 15 anos de convivência com Rizkallah, período em que ficou sabendo de diversos fatos da vida deste.

Em 1882 seu pai retornou a Aleppo e se casou novamente, levando o pequeno Rizkallah para morar consigo. Esta convivência com seu pai fez com que aprendesse a técnica da fundição de cobre, elemento decisivo para o estabelecimento de seu comércio em São Paulo.

Após a morte de seu pai e seu casamento, em 1895, com Zakie, filha de Mardo Naccache, um parente seu, Rizkallah se tornou o núcleo de sua família em Aleppo, sendo o responsável por sua manutenção. Esta característica poderá ser observada ao longo de toda sua vida, por exemplo, no fato de construir três casas junto da sua na Avenida Paulista para seus três filhos, numa tentativa de reunir sua família num mesmo espaço.

Após seu casamento, sua situação financeira se tornou ruim e as notícias sobre o enriquecimento na América fizeram-no decidir emigrar sem avisar nenhum de seus familiares, deixando lhes apenas um bilhete para lerem depois que já tivesse partido. Com apenas seis meses de casado tomou um vapor até Trípoli e um vapor francês com direção ao Brasil, desembarcando no Porto de Santos e seguindo viagem com seus companheiros à cidade de São Paulo<sup>35</sup>.

Sua trajetória na capital foi bastante singular. Ao contrário da maioria dos imigrantes de mesma procedência que chegavam à cidade e se envolviam com a comercialização de tecidos e outros objetos, tornando-se, assim, mascates, Rizkallah Jorge procurou uma profissão que se adequasse à atividade que exercia em sua terra natal: a fundição de cobre. Isto mostra uma peculiaridade deste imigrante dentro do grupo de sírio-libaneses que imigraram ao Brasil, pois a grande maioria destes homens eram camponeses analfabetos, já este sabia ler, escrever<sup>36</sup> e era um artesão bem posto em sua sociedade de origem, algo que era notado dentro da comunidade aqui fixada e que foi explorado por ele como fator de distinção social e de capitalização<sup>37</sup>.

Após três anos no Brasil Rizkallah Jorge inaugurou seu primeiro empreendimento: uma fábrica de cobre, popularmente conhecida como Casa da Boia, situada na Rua Florêncio de Abreu 123, considerado um dos empreendimentos mais antigos e tradicionais no comércio

---

<sup>35</sup> Biografia feita por Farés Dábague. IN: "AL-Kálimah" São Paulo, 25/08/1934.

<sup>36</sup> Existe uma outra versão quanto a esta informação no depoimento de sua nora Maria DermargosRizkallah no livro Memória da Imigração. Neste a depoente diz "Meu sogro era inteligente, não tinha estudo, não sabia nada, nem árabe nem francês, nem nada; ele veio para cá sem nada, aprendeu a falar o português depressa." GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattini. **Memórias de Imigração: libaneses e sírios em São Paulo**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998, p. 419.

<sup>37</sup> BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Trad. Sérgio Miceli. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992<sup>a</sup>.

de metais da cidade de São Paulo<sup>38</sup>. Sua história na Casa da Boia será de muito sucesso. O local, existente até os dias de hoje, e é um dos mais famosos exemplares do ecletismo arquitetônico na capital paulista e foi tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo em 1992, passando por um restauro em 2008. Originalmente, o andar térreo possuía funções comerciais e o pavimento superior servia de moradia ao proprietário<sup>39</sup>, que ali permaneceu entre a virada dos séculos XIX e XX.

Com a inauguração de seu primeiro estabelecimento e por já estar em uma situação financeira estável Rizkallah pôde ainda no ano de 1898 trazer sua esposa, tendo com esta três filhos nascidos no Brasil, sendo: Jorge, o mais velho, Nacib, o do meio e Salim, o caçula. Em 1919 se mudou com a família para a mansão, na esquina da Avenida Paulista com a Rua Bela Cintra.

Na área econômica nas décadas sucedâneas, Rizkallah Jorge, entre os anos 1925 e 1930 construiu pelo menos seis grandes imóveis na capital<sup>40</sup>. Estes edifícios erigidos lhe renderam uma representação social no tecido urbano da cidade, se tornando uma manifestação visual de seu poder. Todas essas construções estavam de acordo com os estilos arquitetônicos vigentes, esmaecendo a ideia recorrente na historiografia arquitetônica de que os imigrantes procuravam construir locais que lembrassem sua pátria de origem por saudosismo ou necessidade de afirmação na sociedade brasileira<sup>41</sup>.

Entre os anos de 1910 e 1940 foi proprietário da Garage Rouge na Rua Florêncio de Abreu, uma oficina de concertos mecânicos. Suas atividades comerciais não se esgotarão no comércio, ele também atuou importando cargas e alugando imóveis<sup>42</sup>.

Esta gama de atividades encontradas na trajetória de Rizkallah Jorge parece encontrar paralelo com a própria quantidade de comunidades estrangeiras com as quais manteve laços. Ele também contribuiu com comunidade armênia doando um terreno e dinheiro para a construção da Igreja Apostólica Armênia do Brasil, em 1938<sup>43</sup>, e novamente em 1949, uma vez que a antiga é desapropriada pela prefeitura. No ano de 1921 ajudou a coletividade síria

---

<sup>38</sup> PONCIANO, Levino. **Todos os Centros da Paulicéia**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007, p.88.

<sup>39</sup> TIRAPELI, Percival. **São Paulo Artes e Etnias**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007, p.159.

<sup>40</sup> Os edifícios Palacete São Jorge, Palacete Paraíso e 1928 Palacete Aleppo<sup>40</sup>, na Rua Carlos de Souza Nazaré; um prédio no número 92,93, 157 na Rua Florêncio de Abreu; um prédio, no número 1003, da Rua 25 de Março.

<sup>41</sup> Disponível em: <[http://www.anba.com.br/noticia\\_especiais.kmf?cod=10268864](http://www.anba.com.br/noticia_especiais.kmf?cod=10268864)> Acesso em 04/02/2013.

<sup>42</sup> Recibos, contratos e notas fiscais de seu acervo pessoal situado na Casa da Boia atestam estas atividades.

<sup>43</sup> Reportagem Folha de São Paulo 20 de março de 1937.

na construção do Hospital Sírio e contribuiu para a fundação do Clube Sírio Libanês. Doou para campanha de Solidariedade Contra a Lepra os custos para a construção de um prédio destinado à obra comunitária e também o dinheiro para a construção do prédio principal do Clube Sírio, que tem seu nome gravado na fachada<sup>44</sup>. Portanto fica evidente que Rizkallah Jorge foi importante também para os círculos sociais destas comunidades. O mesmo escreve em telegrama “A melhor filantropia é aquela que é feita, em primeiro lugar, aos familiares<sup>45</sup>”, se referindo ao fato de preferir ajudar a seus pares.

Essa vivência entre sírios, armênios e libaneses é explicada por sua genealogia. Nascido em Aleppo na Grande Síria, região que durante o Império Otomano compreendia as regiões do Líbano, Síria, Jordânia, Israel e territórios da Palestina, Rizkallah Jorge era de família de origem armênia por isto o sobrenome Tahan. Esta origem tanto sírio-libanesa quanto armênia fez com que este transitasse no Brasil entre as duas comunidades<sup>46</sup>.

Rizkallah continuará conectado com sua “pátria”: retornou a Aleppo, em 1911, para uma viagem, quando doou o sino existente na Igreja dos Quarenta Mártires e a verba para a construção de uma torre, novamente em 1921 quando foi realizado o casamento de seu filho Jorge com Maria Demargos, que lhe deram cinco netos. O imigrante também se ligava à região por meio da benemerência doando em 1916 ao prefeito de Aleppo, Bei Ghaleb Katraghási 2500 francos, para que este distribuísse comida à população da cidade, que estava sofrendo com a Primeira Grande Guerra. Em 1934, doou a Associação “Al-Kálimah” mil libras otomanas e recebeu a medalha de mérito do Governo sírio.

Sua importância à pátria de origem se dará também no fato que entre os anos de 1920-1930 muitos dos imigrantes que fugiram dos massacres se hospedaram em sua casa enquanto não tinham condições de sobreviver na cidade. Michel Necessian conta que ao chegarem a São Paulo Rizkallah abrigava aos patrícios num casarão de três andares que possuía na esquina da Rua Anhangabaú com a Barão de Duprat<sup>47</sup>.

Em fins da década de 20 seu filho Nagib se casou com Olga, filha de Taufik Casmie, tendo com ela dois filhos. No ano de 1928 recebeu o certificado de naturalização e realizou uma

---

<sup>44</sup> O acervo da Casa da Bóia contém recibos e cartas que se referem a estas doações.

<sup>45</sup> Carta de 28/06/1934. IN: Revista “Al- Kálimah”

<sup>46</sup> Isto pode ser percebido em suas benemerências que iam desde doações a sua cidade na Síria, quanto a construção da Igreja São Jorge para a Comunidade Armênia.

<sup>47</sup> Disponível em: <<http://www.cao.org.br?rizkallahjorge.aspx>> Acesso em 04/02/2013.

película mostrando a Casa da Boia<sup>48</sup>, sua família e suas obras, tais como o Palacete São Jorge. O filme, talvez, uma tentativa de preservar seu legado para a comunidade em São Paulo.

Em 14 de junho de 1949 sua trajetória de sucesso na capital teve fim, o filantropo recebeu uma série de homenagens após sua morte das diversas instituições que colaborou, entre elas, o Orfanato Lar Sírio e a Igreja São Jorge<sup>49</sup>. Ele foi enterrado no cemitério da Consolação, sendo seu túmulo mais um monumento que perpetua seu nome e legado. O túmulo possui inscrições em árabe que remetem a sua origem e demonstram sua religiosidade, bem como esculturas que representam a cidade de São Paulo, a indústria que desenvolvia na cidade, além de, motivos religiosos e a imagem da Igreja São Jorge<sup>50</sup>.

### O RETRATO SÍRIO-LIBANÊS E A TRAJETÓRIA DE UM PATRÍCIO

A estimativa é que haja 10 milhões<sup>51</sup> de sírio-libaneses no Brasil e 1 milhão<sup>52</sup> apenas no Estado de São Paulo. O legado desses povos árabes à cultura brasileira pode ser visto ao encontrarmos em todos os bares do Estado São Paulo quibes e esfihas, mostrando sua incorporação à cultura da população brasileira. Porém, apesar do contingente de sírio-libaneses no Brasil existem poucos estudos acadêmicos que tratam desta comunidade. Jamil Safady escreve sobre os trabalhos que tratam deste tema são, geralmente, os

“que visam elogio a certas camadas de ricos ou que se destinam a fins puramente pessoais. O conjunto destes trabalhos pode fornecer material de estudo, pois, representam diferentes correntes de opinião e que registram fatos interessantes. Não apresentam um cunho científico.”<sup>53</sup>

Dessa forma, fica clara a necessidade de produções acadêmicas que contribuam para o estudo do tema e que mostrem que os aspectos da cultura “árabe” não foram apenas incorporados pela sociedade brasileira, mas também os imigrantes incorporaram a cultura brasileira, sendo assim houve uma enorme circularidade cultural, que deu condições para que a maioria dos imigrantes que vieram para o Brasil escolhessem por permanecer aqui. Por toda

---

<sup>48</sup> O original deste documento se localiza no Acervo da Casa da Boia.

<sup>49</sup> Estado de São Paulo, 21/06/1949 e 19/06/1949, respectivamente.

<sup>50</sup> Disponível em: <http://eternity-art.blogspot.com.br/2009/12/rizkallah-jorge-tahanian-arte-tumular.html> Acesso em: 04/02/2013.

<sup>51</sup> Revista da Folha, ano 9, n. 488, 23 out. 2001, p.8.

<sup>52</sup> RevistaVeja São Paulo, 5 fev. 2003

<sup>53</sup> SAFADY, Jamil **Panorama da Imigração Árabe**São Paulo: Ícone Editora ComercialSafady LTDA. 1973.

a enorme contribuição desta colônia e o imaginário popular criado em torno dela, sua importância na formação brasileira é inegável.

Um dos autores a tratar desta temática, Oswaldo Truzzi oferece algumas hipóteses sobre o porquê a cultura brasileira assimilou tão bem a cultura árabe e vice-versa. Para o autor, a fácil assimilação dos árabes pode ser atribuída às suas conquistas na Península Ibérica que duraram quase oito séculos, propiciou que os dois povos estabelecessem uma ligação anterior. Logo, os colonizadores que vieram à América já traziam consigo diversos aspectos da cultura árabe, tanto na música, arquitetura, como em aspectos de higiene e na culinária, como o uso do café<sup>54</sup>.

Os imigrantes sírio-libaneses possuem ao seu redor uma série de imagens cristalizadas, que são produzidas e corroboradas tanto pela literatura, quanto pelos estudos acadêmicos que tratam da imigração e dos imigrantes sírio-libaneses. Estas imagens talvez possam ser representativas se analisarmos o processo migratório como um conjunto, isto é, se analisarmos o processo macro da imigração, tendo como fontes as estatísticas de, por exemplo, o número de imigrantes desta nacionalidade que exerceram determinadas profissões, que ascenderam socialmente, porém, esta pesquisa segue por um caminho distinto deste. Ela procura, por meio de uma análise do particular realizar uma aproximação com o indivíduo enxergar seu cotidiano e os detalhes de sua trajetória pessoal, além de outros fatores que só serão percebidos se examinados detalhadamente. Para alguns historiadores é apenas no particular que podemos “captar o concreto possível dentro deste fluir, pois é no concreto, enquanto processo social, que se pode traduzir a mudança e seus dinamismos<sup>55</sup>”. Portanto, estas imagens que mostram determinados modelos e padrões podem ter um significado dentro do processo da imigração sírio-libanesa geral, porém o caso específico de Rizkallah Jorge, mostra que apenas algumas destas parecem ter um sentido em sua trajetória.

Em “Sírios e Libaneses e seu Descendentes na Sociedade Paulista”, Oswaldo Truzzi traça algumas características deste processo migratório. O autor propõe que a decisão de migrar era tomada no seio familiar, então as famílias planejavam o envio de seus filhos à América como uma forma de resolver suas questões econômicas. Para o autor, duas circunstâncias exemplificam estas motivações: a primeira se dá na importância que as

---

<sup>54</sup> TRUZZI, O. M. S.. Verde, amarelo, azul e mouro. *Revista de História* (Rio de Janeiro), v. 46, p. 18-21, 2009.

<sup>55</sup> BLAJ, Ilana. *A Trama das Tensões – o processo de mercantilização de São Paulo colonial (1681-1727)*. Tese de doutorado, USP, 1995, p. 29

remessas de dinheiro pelos imigrantes irão adquirir em suas terras de origem, se destinando à aquisição de terras. Este fator indica que os imigrantes apenas desejavam viabilizar seu modo de vida anterior, que consistia em ampliar a propriedade rural para permitir a sobrevivência de todos. Já a segunda diz respeito ao caráter temporário com que inicialmente a imigração foi encarada, em um primeiro momento os imigrantes desejavam apenas ficar alguns anos na América e voltarem para casa se tornando uma família próspera em suas aldeias. Por este fator, a maioria dos imigrantes serão homens solteiros. O cenário que se constrói é que a imigração se destinava a uma acumulação de capital que serviria para adquirir bens em sua terra de origem tendo assim um caráter temporário.

O caso de Rizkallah parece bastante peculiar se analisado em comparação às características apontadas por Truzzi. Primeiro pelo fato de que quando este migrou já era casado com Zakie Naccache, e era o núcleo de sua família, já que seu pai faleceu, despertou a decisão de imigrar sozinho, sem comunicar a sua família. Portanto o padrão homens solteiros que são enviados pela família não se encaixa com seu caso.

Outro ponto é que Rizkallah quando chegou a São Paulo não se tornou mascate e, sim, trabalhou como funcionário em uma empresa. Com o dinheiro que acumulou neste período, não comprou propriedades em sua terra natal, mas adquiriu a Casa da Boia, trazendo, posteriormente, sua família ao Brasil. Parece, então, ser errôneo afirmar que ele segue o modelo de imigrantes sírio-libaneses que se envolveram com o comércio, pois queriam acumular capital e não adquirir nem terras nem propriedades para poder retornar ao seu local de origem. Talvez o fato de não ter adquirido propriedades na Síria e, sim, em São Paulo, indique que este desde o primeiro momento não desejava retornar à terra natal, mas sim trazer sua família ao Brasil quando estivesse com uma situação financeira estável.

Talvez o fato de não ter adquirido propriedades na Síria se deva também a um outro fator que o diferencia da grande maioria dos outros imigrantes. No geral, os homens que vieram ao Brasil eram principalmente agricultores, logo a lógica seria que dentro do padrão mostrado por Truzzi, ao acumularem dinheiro comprassem terras em seu local de origem. Já Rizkallah por ter uma profissão diferente desde a Síria, a fundição de cobre, o tenha feito investir seu dinheiro de forma diferente, uma vez que seu objetivo não seria então adquirir terras para a agricultura, e sim abrir um comércio, ou outros negócios. Suas futuras atividades em São Paulo irão mostrar que suas atividades nunca estarão ligadas à agricultura e, sim, ao ramo comercial, imobiliário, de importação de cargas, dentre outros.

O fato de as atividades econômicas desenvolvidas em São Paulo não serem apenas ligadas ao comércio, também mostra que se deve refletir sobre a imagem do “turco” ligado apenas ao comércio. Uma questão que deve ser problematizada é a naturalização dos sírios e libaneses como mascates. Paulo Hilu<sup>56</sup> pontua que apesar de ter sido uma opção de atividade para estes imigrantes, pois exigia pouco capital inicial e ter tido uma série de membros neste setor, muitos dos quais obtiveram grande expressividade nos ramos comerciais, por exemplo, nos armazéns, a criação desta atividade não se deu apenas com a chegada desta colônia. O autor mostra que mesmo antes destes, portugueses e alemães já eram mascates; posteriormente judeus e outros também irão exercer esta função. Assim, associar mascates a apenas sírios e libaneses pode fazer com que se percam outras dimensões desta atividade, que não esteve ligada apenas a uma colônia específica.

Ao analisar a memória de Rizkallah Jorge tanto em entrevistas orais com seus familiares, como na bibliografia que trata sobre sua atividade comercial, pode-se perceber que as outras faces de Rizkallah são esquecidas para privilegiar apenas este aspecto. Tanto seus familiares como o que foi escrito por ele trata apenas de sua atuação na Casa da Boia, deixando de fora todas as suas atividades imobiliárias e empreendimentos financeiros, com os quais se envolveu. A consolidação da imagem do imigrante sírio-libanês comerciante fez com que se criasse a respeito de Rizkallah uma memória que o liga apenas a este aspecto, gerando uma série de esquecimentos sobre outras atividades, que mostrariam que este mais do que repetir um padrão de uma colônia de imigrantes se assemelha muito mais aos empreendedores capitalistas que atuaram em São Paulo naquele período.

Portanto, longe de se envolver com apenas um setor econômico, Rizkallah como bom investidor se envolveu com diversos empreendimentos.

### Considerações Finais

Após analisar brevemente o momento de maior fluxo migratório em São Paulo e seu impacto na cidade, principalmente na questão da urbanização, verificou-se a necessidade de compreender melhor quem eram os atores sociais envolvidos nesse processo, em especial os imigrantes sírio-libaneses. A passagem a seguir é bastante elucidativa neste aspecto:

---

<sup>56</sup> PINTO, P. G. H. R. . *Árabes no Rio de Janeiro: Uma Identidade Plural*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cidade Viva Editora, 2010.

"O problema dos trabalhos existentes é que tomam aos estrangeiros como ator coletivo sem considerar que entre eles existiam diferenças econômicas e sociais que deviam incidir no peso diferencial de cada um na política local<sup>57</sup>".

A partir dela pode-se pensar o imigrante não como um grupo estanque, mas como composto por diferentes grupos étnicos que possuem particularidades de acordo com as regiões de onde partem e que em posse destas experiências vão ter diferentes comportamentos nos locais em que se instalam. Portanto, de acordo com seu local de origem estas pessoas possuem diferentes formas de associação, de sociabilidade, maior conhecimento em determinadas profissões e formas diversas de investir seu capital.

Está pesquisa revela ainda que dentro de um suposto grupo étnico, os "sírio-libaneses", existem enormes diferenças de acordo com as regiões dentro de um mesmo território de onde partem estes imigrantes. Algo que faz com que a trajetória do imigrante em questão, Rizkallah Jorge Tahan, não possua muitas similaridades com as características gerais atribuídas a comunidade sírio-libanesa. Este fator indica a necessidade de análises que privilegiem a trajetória, mostrando a diversidade que compõe os grupos migratórios.

---

<sup>57</sup> BJERG, MARIA; OTERO, HERNAN. Inmigración, liderazgos étnicos y participación política en comunidades rurales. Un análisis desde las biografía y las redes sociales. In: BERNASCONI, Alicia; FRID, Carina (Org.). De Europa a las Américas: dirigencias y liderazgos (1880-1960). Buenos Aires: Biblos, 2006. p. 58.